LISEOA, 10 de Julho de 1913

# TERRA LIVRE

Semanario Anarquista

N.º 22—1.º ANO | Dirètor: PINTO QUARTIM | Publica-se ás 5.as feiras | Editor: JAIME DE CASTRO | PREÇO 20 RS.

Propriedade do grupo editor da TERRA LIVRE | Redàção e administração Rua das Gaveas, 55, 1.º | Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS R. do Poço dos Negros, 81

# A LEGALIDADE

No numero passado referimos aqui o que no Limoeiro disse o ajudante do procurador da Republica ao nosso camarada Pinto Quartim: que pelo seu «delito»—abuso de liberdade de imprensa—o diretor da *Terra Livre* nem sequer podia estar preso. E acrescentou com um sorriso:

—Naturalmente hão-de arranjar mais alguma coisa para justificar a sua prisão!

A frase é altamente significativa e presta-se a considerações, que para nós se tornaram já fastidiosos lugares comuns, mas a cuja realidade brutal a maioria recusa abrir os olhos.

Os governos enchem constantemente a boca com a lei—feita por eles, com a legalidade soberana—espressão do dominio de uma classe, quando não de um partido, com o respeito relijioso devido a essa deusa inatacavel; e o governo atual, então, não perde ensejo de insistir no sagrado desse dogma, berrando a cada passo que todos hão de estar «dentro da lei», que a lei ha-de ser rigorosamente cumprida.

Mas, é claro, a lei tem de ser cumprida pelos inimigos de classe ou de partido, na parte que para estes é desfavoravel. Cada governo sente-se, porém, mais ou menos autorizado, conforme a força da resistencia popular e da opinião publica, a usar e abusar do poder, legal ou ilegalmente, com ou sem lei.

Eis aqui o caso de Carlos Rates e Antonio Henriques. Estes «cidadãos» são presos no Funchal por um ignoto motivo qualquer, por andarem, em suma, numa missão de propaganda e de organização operaria. A prisão coincide com os sucessos de 27 de abril, e parece que ha ideias de neles os implicar, como neles foi implicada a Casa Sindical, sem inquerito, nem processo, nem razão alguma. Depois descobre-se-lhes o fantastico delito de... vadiajem! E como estala essa absurda bomba da rua Nova do Carmo, os nossos amigos são ouvidos sobre o caso... Os pretextos sucedem-se—e com eles os dias de cadeia...

A citada bomba é, como dizemos, absurda. Não é atentado, nem coisa que o pareça; ou se o é, de proposito ou não, é material e moralmente contra nós, contra as nossas ideias, contra a obra dos militantes sindicalistas, contra os nossos, contra trabalhadores. E' uma bomba lançada, no sentido proprio, para o meio de proletarios, sobre os proprios manifestantes da bandeira negra dos desocupados, e no sentido figurado, sobre o laborioso e incipiente edificio de organização e educação proletarias: bomba antiproletaria, anti-sindicalista, anti-anarquista. Naturalmente, cheios de dolorosa surpresa, os anarquistas e os sindicalistas protestam contra acto tam oposto aos seus interesses, ás suas ideias, aos seus métodos, aos seus sentimentos.

Não importa! Com tam absurdo pretexto, vão para o Limoeiro alguns militantes e propagandistas, para pagar pelos tristes resultados duma crise economica e politica para a qual em nada contribuiram, e pelas consecuencias de actos em que não colaboraram e contra cujos efeitos procuraram pelo contrario reajir. Não foram eles que popularizaram o fabrico e o facil emprego dos esplosivos e que espalharam o gosto da violencia verbal, destrambelhada e vazia.

E lá estarão, no Limoeiro, até quando a autoridade muito bem quiser. Nem haverá provavelmente processo, julgamento e mais cerimonias. Para quê, esse trabalho? Para que ter de «arranjar mais alguma coisa» plausivel «para justificar a prisão»? Basta a prisão administrativa. Depois, a qualquer proposito, põem-se os homens na rua, e até outra vez! Já ninguem lhes tirará a cadeia das costas; estará dado o castigo.

Mas então a lei—«garantia dos direitos e liberdades do cidadão»? E' um simples papel? E' um simples papel a Constituição? De que nos serve, pois, a respeitavel legalidade?

A resposta está por nós dada ha muito tempo; mas o povo conhece mal a verdade. Irá aprendendo, entretanto.

Estas duras lições de coisas acabarão por abrir muitos olhos, a despeito de uma imprensa feroz, sectária e deslial, que calunía e desfigura ideias, homens e processos. Crescerá pouco a pouco a minoria que não acredita nas garantias legais e que abandona a confiança nas transformações da lei e do pessoal governante para se consagrar toda á sua organização e educação interiores e á sua ação *direta*, isto é, ação sem intermediarios estranhos, sem delegação de poder.

Ainda não temos, é certo—e era de esperar nos primeiros tempos do regime—uma opinião pública forte e consciente, uma verdadeira oposição popular ás arbitrariedades do poder. Por uma ilusão esplicavel, ha ainda numerosos elementos ativos da opinião que não notaram a inversão de valores operada com a subida de um partido de oposição ao poder, e que consideram todos os actos do governo como actos de defesa da liberdade e da Republica e todos os protestos como suspeitos e reacionarios.

No tempo de João Franco, todas as revoltas eram lejitimas, todos os revoltados eram revolucionarios; hoje cai sobre todos os actos ou palavras de protesto a estupida e infamante suspeita de cumplicidade com os retrógrados.

No tempo da monarquia, havia a grande oposição republicana, que tomava a defesa de todos os perseguidos e protestava eficazmente contra todos os arbitrios: era então essa opinião ativa, não a lei, que garantia liberdades e direitos. Hoje pouco mais temos do que as nossas proprias forças, no meio de odios, calúnias atroadoras e suspeições jesuiticas—tudo triunfante com o passajeiro poder da força material e dos largos meios de publicidade.

Aqueles bons tempos da oposição! O apoio que se dispensava! As instigações que se gritavam em tropos inflamados! As promessas que se faziam! As campanhas que se empreendiam! «Ah! como era bela a Republica no tempo da monarquia!»...

Não temos saudades do passado. A esperiencia era e continua a ser absolutamente necessaria. A opinião publica, a resistencia popular consciente e organizada ha-de vir de novo, e melhor, não para retrogradar, mas para avançar.

E grande erro é cuidar que se fere impunemente a ardente guarda avançada do proletariado. Sem essa minoria actuante e propulsora, sem esse fermento, a massa é desarticulada e inerte. A época é hoje melhor para as Republicas, o meio social e politico e as circunstancias historicas são aqui outros, não são os mesmos os perigos; mas até certo ponto deveria servir de lição o exemplo citado amargamente por Jules Vallès: contra a traição de 2 de Dezembro só se levantaram, impotentes, rabonas burguesas. As blusas operarias tinha-as desgostado a Republica, perseguindo e fuzilando uma minoria ativa.

## DO NATURAL

Acabava a minha refeição quando um pequenito, esfarrapado, descalço e macilento, entron timidamente no modesto restaurante, volteando nas mãos sujas e magras a sua boina esburacada e sebenta.

Havia, sobre a minha mesa, uma travessa com uns restos de carne. Ao ver o ávido olhar que ele lhe lançou coloquei-a na sua frente, com um pouco de pão.

Ele agradeceu e poz-se a comer, d'olhos baixos, sofregamente...

De subito, porem, pousou o garfo, pareceu refletir e acabou por meter os ultimos bocados de carne no pão que lhe sobrava...

—«Não tens fome?»—perguntei-lhe.

Ele fez que sim, com a cabeça. Tinham os seus olhos negros e profundos, uma espressão de intraduzivel tristeza..

—«Então,—tornei eu,—porque não comes?

E o pequenito, simplesmente, docemente, retorquiu, olhos nos meus, num fio de voz:

—«É p'rá minha mãe...»

JOSÉ BACELAR.

Os animais selvajens teem os seus covis e tocas, e os que combatem e vertem o seu sangue para defesa da Italia nela não teem outra propriedade além da luz e do ar que respiram. Sem casas, sem estabelecimento ficso, vagueiam por todos os lados com suas mulheres e seus filhos. Os generais enganam-nos quando os esortam a combaterem pelos túmulos e templos próprios: em tão grande número de romanos, ha um só que tenha um altar doméstico e um túmulo onde repousem os seus antepassados? Só combatem e morrem para manter o luxo e a opulencia alheia. Chamam-lhes senhores do mundo, e êles de seu não teem um torrão de terra!

*Tiberius* **Gracchus** (*Discursos*).

Para os proletarios, a Patria é um fardo; para os capitalistas, é um emprêgo de capitais...

*Francis* **Delaisi**

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

# Em pleno arbitrio!

# Na mais absoluta autocracia!

## Oito propagandistas presos ha um mês sem acusação, sem processo, e sem pronuncia!

*«A classe trabalhadora tem a obrigação de tratar deste assunto, quanto antes, ainda que para isso tenha que empregar alguns esforços, tempo e dinheiro. Assim nesta madorna é que não devemos continuar. Para tirania ja basta e dela estamos fartos até aos olhos.* (O *Corticeiro*. de 6-VII-1913).

Perante a tacita cumplicidade da Imprensa na arbitrariedade de que estão sendo vitimas os propagandistas detidos no Limoeiro á ordem do chefe do ministerio, resta como ultimo recurso o apelo à Imprensa de todo o mundo.

Faz ámanhã um mês que estão presos como suspeitos de implicados na esplosão da bomba da rua Nova do Carmo os propagandistas Alexandre Assis, Alexandre Vieira, Artur Parente, Evaristo Esteves, Henrique Morais, João Caldeira, José Maria Gonçalves e Pinto Quartim.

Já dissemos no nosso numero passado que não compreendemos a razão porque teem sido postos em liberdade alguns dos individuos acusados de *ajentes indiretos* do atentado enquanto os restantes permanecem na prisão. Uns e outros eram acusados de igual delito, mas uma parte deles foi solta e a outra continúa detida!

E' espantoso que numa nação da Europa e em pleno seculo XX um povo e uma imprensa consintam, sem um protesto, sem um fremito de indignação, que se encarcerem individuos durante 30 dias sem se dizer porquê, sem sequer os interrogar, sem que se lhes formule culpa e pronuncia!

Vivemos positivamente num país de selvajens pois outra gente não é aquela que vive contente neste rejime de pleno arbitrio, nesta perfeita autocracia!

Todos os individuos presos são operarios cuja intelijencia e ilustração estão acima do nivel da maioria do operariado, e cujo comportamento digno e respeitavel como trabalhadores, como militantes e como homens é comprovado pelos patrões a que teem servido, pela sua classe e por todos quantos os conhecem. Todos eles são casados, teem familia a quem sustentam, filhos cuja educação teem a seu cargo.

O operario pedreiro João Caldeira, por ezemplo, tem mulher e sete filhos todos menores e é do seu parco salario de 700 réis diarios que sustenta esses oito estomagos, pois, nem pela mulher, que é cega, pode ser auciliado! E a todas estas familias desequilibra-se por completo a sua economia, dificulta-se, atrapalha se, desbarata-se a vida, enche-se de sobressaltos e de dôr porque os seus *chefes* se permitiram, fiados na letra da Constituição da Republica, transmitir aos seus companheiros de escravidão e de miseria os pensamentos que nos seus cerebros germinavam.

Não queremos agora saber se as suas ideias são boas ou más. E' contra o facto de se prenderem individuos, sejam eles quem fôrem e seja qual for o seu *crime*, durante trinta dias sem que contra eles se pronuncie uma acusação concreta, que não podemos reprimir a nossa revolta.

A Constituição da Republica determina que nenhum cidadão esteja preso mais de oito dias sem pronuncia. Na Inglaterra e no Brasil o praso macimo de prisão sem pronuncia é de 24 horas. Pois enquanto naquela monarquia e nesta republica jesuitica o povo grita contra a observancia rigorosa desta disposição legal que permite que *ladrões* e assassinos sejam postos em liberdade por não haver tempo de se lhes formar a culpa, nesta jóvem Republica que os seus imbecis defensores elevam aos cornos da lua, o povo permite, tolera, consente, acha natural, banal, razoavel que se conservem presos politicos, presos por delito de pensamento, presos por abuso de liberdade de imprensa um mês sem serem pronunciados!

Estamos positivamente num país em que não ha o menor respeito pela dignidade, pela liberdade e vida do individuo; em que não ha nenhuma garantia das liberdades individuais; em que a liberdade de pensamento é uma mistificação, a liberdade de reunião um sofisma, a liberdade de associação uma burla.

Oito homens cuja moral está muito acima da dos seus ridiculos julgadores, encontram-se ha trinta dias presos á ordem do sr. comandante da policia. Será porque ainda não terminaram as investigações sobre a responsabilidade daqueles nossos companheiros? Não. E não porque somos informados, por pessoa *lá de dentro*, que contra eles se não pretende formar processo e que serão postos em liberdade quando o sr. dr. Afonso Costa — que é quem *todo lo manda* atualmente *nessa coisa que para aí está*, — quiser. E o sr Afonso Costa não quer por enquanto porque *receia, supõe*, que os sindicalistas e anarquistas estejam mancomunados com certos politicos que o desejam correr das cadeiras do poder!!

Mas aceitando que a informação seja errada—do que duvidamos atenta a pessoa que no-la forneceu, e que foi confirmada por outras dignas de todo o credito — não se pode admitir a falta de tempo para a conclusão das investigações, para justificar a detenção dos oito propagandistas.

Com efeito, há 14 dias que foram dadas por concluidas as investigações sobre o misterioso atentado e entregues ao poder judicial os individuos tidos como seus autores, os quais há cinco dias já foram pronunciados.

Ha pois 14 dias que poderiam ter começado os trabalhos de investigação referente aos operarios presos por propagandistas. Esse tempo era o suficiente para se ter investigado, tanto mais que, pesando sobre aqueles companheiros a culpa de instigadores indiretos do atentado por meio de propaganda, as peças acusatorias constantes de passagens de dircursos e de trechos de artigos pronunciados e escritos pelos detidos, devem de ha muito estar nas mãos, das autoridades que formularam a acusação de instigadores ao ato, pela palavra ou pela escrita.

Alem disso, durante esses 14 dias, nenhum dos que se conservam detidos foi chamado a interrogatorio, e a imprensa diaria nunca mais deu noticias acerca da prisão desses oito operarios que continuam *em deposito* no Limoeiro á ordem do sr. Afonso Costa

E como não querem os srs. republicanos que nós, ebrios de entusiasmo com tanta liberdade, democracia e moralidade, gritemos com toda a força dos nossos pulmões: — Viva a Republica! Viva o sr. dr. Afonso Costa!?

* * *

No sabado passado, 6, os nossos companheiros enviaram para todos os jornais diarios de Lisboa, escetuando *O Mundo* e *A Luta*, a seguinte carta a que, pelo seu tamanho, não podia ser alegada a falta de espaço para justificar a sua não inserção:

*Sr. Redator:* — Os sinatarios desta carta, detidos ha 25 dias na Cadeia Civil Central de Lisboa, suspeitos de implicados na esplosão da bomba da Rua Nova do Carmo, considerando que a policia de investigação criminal deu já por terminadas, no dia 26 do mês passado, as suas dilijencias sobre essa monstruosidade entregando o respetivo processo bem como os individuos que julgou criminosos ao Poder Judicial; e considerando mais que outros individuos, sobre quem pesava suspeita identica á nossa, foram já soltos, solicitaram dos srs. comandante da policia civica e diretor da policia de investigação criminal que os mandassem pôr em liberdade visto que daquelas investigações não se apurou nem se poderia ter apurado qualquer conivencia nossa nesse ato.

Esse pedido tanto mais justo e digno de ser imediatamente atentido era, quanto é certo que, havendo já passado oito dias após a conclusão dos trabalhos de investigação sobre o atentado, havia já tempo de se ter investigado da nossa culpabilidade, o que se não tem feito, como concluimos do facto de a imprensa nada ter noticiado a tal respeito, e de nós não termos sido ainda interrogados.

A acrescentar ha, sr. redator, o facto de não nos ter sido até hoje feita nenhuma acusação concreta, limitando-se a unica inquirição a que fomos submetidos no dia imediato ao da nossa prisão, apenas a apurar se eramos sindicalistas, se partidarios da àção direta, onde estavamos no dia e hora da esplosão e se aprovavamos o ato.

Como nos parece que nenhuma lei permite semelhante procedimento para conosco, á Imprensa resolvemos espor os factos e aguardar o que ela entender dever dizer de justiça sobre o caso.

Limoeiro, 67-1-913.

De V. etc.

*Alexaudre Assis*
*Alexandre Vieira*
*Artur Parente*
*Evaristo M. Esteves*
*Henrique Morais*
*João Caldeira*
*José Maria Gonçalves*
*Pinto Quartim*

Vejamos agora como os jornais receberam esta carta e o que entenderam eles dever dizer de justiça sobre o caso: *O Socialista* e a *Nação* foram os unicos que na terça feira publicaram a carta na integra; a *Capital* limitou-se a estrata-la,

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

e o mesmo fez *O Seculo* deturpando, no entanto, completamente o sentido, o que deu logar a um pedido de retificação. Quanto a comentarios, não fez nenhum a imprensa.

O silencio que a imprensa tem feito em volta da prisão desses nossos companheiros e, mais ainda do que o silencio, a recusa de publicar as cartas que os presos lhe teem enviado protestando contra a sua situação, prova que a imprensa ou está feita com o autocratismo que asfixia toda a nação, ou que se prostra acobardada perante o *posso, quero e mando* dum «tiranete ridiculo» como ao chefe do ministerio chamou um senador em pleno parlamento.

E perante a tacita cumplicidade da imprensa na arbitrariedade de que estão sendo vitimas os propagandistas detidos no Limoeiro á ordem do sr. dr. Afonso Costa, resta, como ultimo recurso, o apelo á imprensa de todo o mundo.

---

A Associação de Classe dos Canteiros, reunida em 26 de junho p. p., aprovou por unanimidade a seguinte moção:

Considerando que as classes operárias organizadas não podiam, de fórma alguma, têr interferencia no atentado do dia 10 do corrente, pois o áto é, de todo o ponto de vista contraproducente á organização e não se compreende que um operario consciênte fôsse deitar uma bomba no seio dos operarios que se incorporavam no festejo;

Considerando que o áto foi monstruôso e só uma féra ou um desvairado o poderia têr cometido;

Considerando que a destruição do quiosque a «Bóia», e o assalto á séde dos sindicatos profissionais (vulgo Casa Sindical), foi tambem um áto que merece a nossa repulsa, e que só poderia sêr praticado por individuos perversos que o fizéssem com fins reservados, pois que ali só estavam associações devidamente legalizadas;

Considerando que o sêr sindicalista é apenas sêr socio do seu sindicato profissional, ou seja associação de classe, não justificando a perseguição que certos politicos lhe móvem, pois que apenas tráta do seu interesse profissional, e organização operária;

Considerando que se fizéram prizões a êsmo, conservando os operários militantes e delegados das associações em depósito no Limoeiro, só por espírito de acinte, por os mêsmos falarem em reuniões operárias,

A Associação de Classe dos Canteiros, reunida em assembléa geral a 26 de junho de 1913, protesta:

1.º Contra o atentado da rua Nova do Carmo, fazendo votos para que em breve se esclareça o assunto, a fim de evitar equívocos, e bem assim contra a destruição do quiosque a «Bóia» e o assalto á Casa Sindical;

2.º Resolve auciliar a Comuna estabelecida na cadeia do Limoeiro pelos camaradas prêsos por questões sociais antes e depois do atentado, com a quantia de 5$000 réis.

*O Corticeiro*, órgão da Federação Nacional Corticeira, que, como é sabido, conta 15 mil operarios organizados, diz no seu número correspondente a sábado da semana passada:

Continuam ainda prêsos José Maria Gonçalves, Alexandre Vieira, Pinto Quartim, Evaristo Marques Estêves, Alexandre Assis, e outros camaradas, pêsde o dia seguinte ao atentado da Rua do Carmo. Contra êstes camaradas não há a mais pequena prova de convivenca no selvático áto do dia 10 do mês findo, nem mêsmo sofrêram ainda o mais leve interrogatório referente a êsse brutal acontecimento.

De que acusam êsses camaradas? Nem a policia sabe, segundo nos consta.

O que não podêmos é continuar assim, sujeitos ás birras dos casmurros, parecidas com as do odiôso ditadôr de 1907. A classe trabalhadora tem a obrigação de tratar dêste assunto, quanto antes, ainda que para isso tenha que empregar alguns esforços, tempo e dinheiro. Assim, nesta madorna é que não devêmos continuar. Para tirania já basta e dela estamos fartos até aos olhos.

Tambem o semanario *O Revolucionario* propriedade de um grupo de dedicados republicanos refere-se nestes termos á prisão dos nossos amigos:

«Devido aos acontecimentos da rua do Carmo, foram presos varios elementos conhecidos como sindicalistas, que ainda se encontram no Limoeiro, esperando saber o motivo das suas detenções.

Entre eles encontram-se Pinto Quartim, nosso colega na imprensa, redator do *Seculo* e diretor da *Terra Livre*, bem como Alexandre Vieira, de *O Sindicalista*, os quais, pela leitura de alguns jornais, presumem ali estarem acusados de instigadores do Povo á rebelião.

Se assim é, não podemos deixar passar sem o nosso protésto tal facto, que para nós representa uma inovação feita na Republica que só serve para coartar a liberdade a cidadãos que não transijem com as propotencias dos governos.

Que diriam os jornais republicanos, que hoje se calam perante estes atropelos á lei de imprensa se no tempo da despotica monarquia tornassem responsaveis os seus diretores dos factos sucedidos, quasi sempre nos finais dos comicios em que a ordem era alterada por elementos estranhos a eles e que motivára a intervenção da autoridade?

Que diria mesmo o sr. Afonso Costa, que preside ao atual governo se no 4 de maio, 5 de abril, 18 de junho e em outras datas memoraveis para a Republica, fosse preso e tornado responsavel por casos que não podia prever e a ele estranhos?

Decerto que, como nós, considerava essa interpretação uma infamia.

Por isso, hoje como ontem não deixamos com o nosso silencio continuar a consumar-se tal absurdo.»

# Factos e comentarios

## O governo e a imprensa

Ao contrario de como fazem os nossos colegas de imprensa diaria, não deixamos passar sem o nosso mais caloroso protesto a apreensão de qualquer jornal por mais contrario que seja ás nossas ideias. Cabe hoje a vez de manifestar á *Nação*, esse decano dos diarios de Lisboa conhecido pelas suas ideias reacionarias, catolicas e miguelistas, a espressão da nossa solidariedade perante a violencia de que foi vitima. Que nos importa que o jornal apreendido seja *thalassa*? Defende uma ideia, e tanto basta para protestarmos contra os que, pela violencia, querem impedir a espansão dessa ideia. Nós anarquistas, que temos a convicção de que temos por nosso lado a verdade, a razão e a justiça, não tememos a discussão nem a propaganda de nenhuma ideia. Queremos convencer toda a gente da superioridade das nossas doutrinas mas não queremos impo-las pela força. E obstar pela violencia que os outros manifestem ideias contrarias ás nossas, o mesmo é que impor as nossas pela força.

Dizem os nossos colegas diarios que já não protestam porque todos os protestos são absolutamente ineficazes.

São sim, porque até agora esses protestos teem se limitado a meia duzia de linhas impostas pelo *dever de camaradajem*, e mais nada.

Mas se todos os jornais, todas as vezes que o governo ezercesse qualquer violencia sobre qualquer jornal, por mais obscuro que fosse; deitassem artigo de fundo condenando em termos altivos e precisos o homem publico que tal ousasse fazer, talvez que esse protesto fosse eficaz. Mas se esse mesmo já é julgado improficuo porque se não usa de processos mais praticos e menos platonicos?

Em todos os paises a Imprensa impõe-se aos politicautes e governos. Neste, a Imprensa é o capacho daqueles.

## Nem um nem outro

O sr. João de Menezes que — coitado! — se julga um conhecedor profundo das questões sociais, escrevendo que os socialistas alemães longe de declarar a greve geral em caso de guerra, fizeram, pela boca de alguns dos seus deputados, as mais ardentes afirmações de patriotismo, diz:

«Sirva isto de ezemplo a alguns anti-patriotas que em Portugal tudo pretendem desorganizar e indisciplinar, não vendo que a desorganização e a anarquia em Portugal teriam, pelo menos, como consequencia a queda da republica. Pelo menos.

E nós não podêmos compreender que os partidarios da emancipação politica e economica do proletariado, quisessem criar uma situação da qual resultaria a ditadura pretoriana e clerical.»

Sim, senhor. Mas se não queremos cair numa ditadura pretoriana e clerical, tambem não *gramamos* uma ditadura afonsista e carbonaria. Tão nefasta e intoleravel é uma como é outra.

## A queda dum idolo

A comissão municipal do partido republicano resolveu lembrar ao Diretorio do mesmo partido que fosse destituido do seu logar de secretario o sr. Alfredo de Magalhães, eleito no ultimo congresso d'Aveiro, dando como razão ter esse secretario do diretorio acusado os funcionarios do ministerio das Colonias de varias irregularidades e ilegalidades.

Algumas comissões paroquiais da mesma facção politica não concordaram com aquela resolução e vá de protestar contra ela.

Por outro lado a comissão paroquial de Santa Isabel, a quem se deve o movimento dos senhorios, dos cereais e muitos outros trabalhos de orientação democratica, acaba de se demitir por não concordar com a orientação politica do atual governo e pelo desprezo a que foram votados os seus trabalhos.

São, pois, os proprios amigos do sr. Afonso Costa os que apressam a derrocada do *grrrrande* estadista. E' o resultado das perseguições e violencias do democratico ditador. Nem outra coisa era de esperar da politica violenta e obcecada que o *grrrrande* estadista está fazendo, irritando e melindrando toda a gente portuguesa, desprezando tudo e todos, descontentando tudo e todos.

Com franqueza: para nós todos os politicos valem o mesmo—nada. Mas o sr. Afonso Costa é o mais inepto estadista que temos visto. Seriamente.

## Solidariedade jornalistica

Lia-se no *Socialista* de 30 do mês p. p.

«Depois de *O Intransijente* e de *O Socialista*, ainda nenhum outro jornal de Lisboa arriscou uma unica palavra a favor de Pinto Quartim, redator de *O Seculo* e diretor do semanario anarquista *Terra Livre*, preso, desde 11 do corrente, na cadeia do Limoeiro, sob a pretensa acusação de, na sua folha, incitar o operariado á revolta.

A esta situação chegámos! Encarcera-se um jornalista, com o mais absoluto desprezo, pelo que a lei da imprensa preceitua — e só dois jornais— *dois!* — se ocupam do insolito caso e o verberam com a devida altivez, prestando ao camarada cativo o não menos devido socorro da sua defesa!

Que miséria — de brio e de vergonha!»

A este eco respondeu o *Dia*:

«Queixa-se o *Socialista* de que só ele e o *Intransijente* teem protestado contra a arbitraria prisão do jornalista Pinto Quartim, redator do *Seculo* e diretor do semanario *Terra Livre*.

Escusado será dizer que o protesto d'*O Dia* acompanha os dos nossos colegas. Não queremos saber das opiniõis do jornalista preso: seja ele um anarquista ou fôsse um ultramontano, entendemos que as suas responsabilidades pelo que tenha escrito se regulam esclusivamente pela lei d'imprensa. Mas, sabido como é que todos os nossos protestos são inuteis, — para que estar a repeti-los todos os dias?

Ao *Dia* os nossos agradecimentos.

## Processos identicos

Um *Eco* da *Luta*:

«Ultimamente o grupo neo-monarquista de *l'Action Française* tem procurado um acordo com os sindicalistas. Escusado será dizer que os neo-monarquistas foram corridos. Na verdade, uma organização operaria, reformista ou revolucionaria, servir de instrumento a qualquer partido, monarquico ou republicano, para servir ambições de pretendentes ao trono ou de pretendentes ao governo, seria tudo menos o representante dos trabalhadores. Os seus chefes mereciam o qualificativo de imbecis ou de traidores á classe. Compreende-se que o operariado concorra para derrubar um trono ou defender uma Republica dos assaltos dos monarquicos. Agora servir de instrumento a politicos, não se compreende nem se admite.»

D'acordo. E' isso o que cá se tem feito. Os republicanos bem sabem que teem sido sempre corridos quando os teem ido convidar para golpes de estado. Em França, são os monarquicos, — como diz a *Luta*; — em Portugal, sabemos nós que são os republicanos.

## Na imprensa estranjeira.

O excelente e popular jornal libertário de Ancona, *Volontà*, no qual os ultimos acontecimentos de Portugal teem sido expostos com verdade, escreve, em referencia a umas declarações do sr. Magalhães Lima:

«O senador republicano da néo-república anti-proletária tem a desfaçatez de sustentar que em Portugal «as liberdades públicas são garantidas e asseguradas». De que modo? Com a dissolução das associações sindicais, com o encerramento das suas sédes, com a prisão dos propagandistas e jornalistas sindicalistas e anarquistas, com a apreensão e a supressão dos jornais de oposição não só revolucionários, mas até republicanos.

«Mas, objéta o sr. senador Lima, forçoso é que o rejime se defenda! — Já o sabiamos! Mas um rejime que precisa de sêr assim defendido merece desabar... Mas sabeis o que verdadeiramente defende o govêrno português com o seu sistêma reacionário? Apenas a burra dos patrões e a sua. «A situação económica é excelente (diz o sr. Lima); os valôres do tesouro português aumentaram 500 milhões de francos, os valores particulares de Bancos e Companhias tivéram uma alta consideravel», etc., etc. E isto, em quanto baixam os salários operários, é enorme a desocupação e cresce a carestia da vida, como no tempo da antiga monarquia!

«Ah! é o bem-estar dos ricos, são os tesouros do govêrno e dos exploradores, que o novo governo defende contra a classe operária em revolta, com a repressão brutal da liberdade de associação e de pensamento!

«Sim, tem razão Magalhães L... — a ordem reina em Portugal: a ordem de Varsóvia!»

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

## Entre ferros da Republica

# O ESTERMINIO DOS SINDICALISTAS

## Lançando a rêde por todo o país

### Liberdades de pensamento, reunião e d'associação são letra morta para os republicanos no poder

O atual governo jurou guerra de morte ao sindicalismo em Portugal, e julga — coitado! — que é prendendo os seus adeptos, encerrando associações, apreendendo jornais, proibindo conferencias, comicios e reuniões que consegue esterminar a ideia!

Que redondamente se engana, que as suas violencias são contraproducentes, o tempo o convencerá.

Não ha duvida que essas violencias desorganizam, espalham o terror e amedrontam o operario de consciencia ainda não fortalecida. Mas esse terror é passajeiro. Como sempre tem sucedido em outros paizes e todas as vezes que acintosas perseguições se ezercem sobre os partidarios duma ideia, passado este momento, a ideia surgirá de novo e então mais forte, mais poderosa e mais fecunda. E' que a propria violencia sobre os seus propagandistas ezercida, indignando e afujentando o povo do rejime que a pratica, faz engrossar as fileiras dos combatentes dessa ideia.

As cadeias desta jóvem e tão esperançosa Republica estão repletas de operarios. Centenas deles jazem entre ferros dessa Republica pelo *crime* horrendo de fazerem propaganda de uma ideia que os governantes, do alto da sua pretenciosa enciclopedica sabedoria, condenam por dissolvente, por prejudicar os interesses da classe que representam e defendem, mas que dia a dia ganha terreno em todo o globo terraqueo, recebe a sanção das verdadeiras capacidades cientificas do mundo, e que ha-de ser a ideia triunfante de amanhã.

Que o governo lançou por todo o país a rêde do esterminio aos sindicalistas, e que as liberdades de pensamento, reunião e d'associação, tão proclamadas pelos republicanos no tempo da oposição são perfeitamente letra morta para esses mesmos republicanos quando no poder, provam-no as numerosas cartas, inserindo protestos e queixas, que temos recebido de varios pontos do país, e das quais, na impossibilidade de as publicarmos todas duma vez, por falta de espaço, sacamos ao acaso as seguintes:

### Em S. Tiago do Cacem, Santo Andrè e Escatalares.

*Amigo e Camarada Redator:*

Por intermedio dum camarada, acaba de me chegar ás mãos um dos ultimos numeros de *Terra Livre* e por ele soube das acintosas perseguições que aí se têm feito, não só aos sindicatos, como aos seus componentes e ainda ao nosso jornal o *Sindicalista*. Mas a febre de esterminio ás organizações operarias não se limita só aì.

N'este concelho, onde há 51 dias me encontro detido na cadeia, têm-se tambem passado factos que eu julgo necessario que se saiba, para virem a lume da publicidade, na *Terra Livre*.

Sobre os trabalhadores Rurais d'aqui tem-se ezercido uma tal coação que tem desbaratado por completo a organização ezistente. Um tal Soeiro que aqui foi administrador, fez tanta repressão sobre os trabalhadores que só de uma vez vieram prezos 49 trabalhadores de Santo André: Depois, com depoimentos feitos por alguns d'esses trabalhadores, e coadjuvados pela talassaria azul e vermelha cá do concelho, foram prezos tambem varios individuos acusados de... *propaganda dissolvente*, de propagandà anti-militarista etc, de forma que na rêde vieram o ajente do *Sindicalista*, Antonio Judice Guerra, o professor da Escola Liberal e outros, que foram mais tarde afiançados em trez contos de réis, cada um, não falando nos que tiveram que ausentar-se, fujindo das malhas da rêde antecipadamente feita. Porque as perseguições foram tão acintosas que até já não escapavam os adeptos do *Marechal de Ferro* (pois alguns tambem foram prezos, afiançados, na mesma quantia), foi deposto aquele administrador, e enviado para aqui um outro de confiança do atual chefe da situação. Mas o que julgam que o homem principiou por fazer? Nada mais, nada menos de que ir aos Escatalares, onde os Ruraes d'aqui têm o seu sindicato, e fechar-lhes as portas.

E não se contentando com isto foi até Santo André e... zás! fez o mesmo, de forma que isto tem feito um mal terrivel, pois tudo anda com medo. Em sindicalismo ou anarquismo tudo tem medo de falar, quando antigamente era perfeitamente o contrario, de forma que a perseguição ás organisações operarias faz se de tal forma, que se d'isto não sair um forte movimento de repulsa, teremos que constatar o desaparecimento de organizações já feitas. Tudo se atemoriza por aqui, pois o medo é tal que ha menino que nem perto da cadeia quer aparecer! A meu respeito tambem tem sido uma parodia, pois que desde o dia 10 de Maio que aqui estou e só no dia 23 fui entregue a juizo, acuzado de propagandista anti-militarista e anarquista e segundo dizem estou incluido na celebre lei de 12 de julho.

Agora garantem-me que saio na terça ou quarta feira por falta de pronuncia, o que eu duvido visto a perseguição que se está fazendo a quem se declara abertamente sindicalista, e eu tanto ao administrador como ao proprio juiz mantive esta afirmação.

Chegaram-me a dizer que eu seria tambem dado como vadio, mas os homens não caiam n'essa porque lhe apresentei atestados de casas onde ai trabalhei, e até mesmo apresentei um atestado cá do patrão onde trabalhei até ser prezo, de forma que se tinham essa ideia, tiveram que roer n'um chavelho.

Saudades a todos que aí estão prezos por causa d'aquela porcaria do dia 10.

Todo vosso e da causa.

Cadeia de S. Tiago de Cacem. 30-6-13.

*Rozendo José Viana.*

### Em Evora

*Sr. redator:*

Por intermedio da *Terra Livre* permita que transmita ao operariado organizado e ao publico as perseguições de que tenho sido vitima por parte das autoridades republicanas.

Em setembro do ano findo fui preso por uns militares, por suspeita de conspirador, com a *tremenda* acusação de ser um *grande orador*. Entregue na esquadra de policia de Evora, diriji-me ao cabo a pedir-lhe lume, obtendo como resposta um violento murro na cara, e um chorrilho de insultos, sendo remetido no dia seguinte para o quartel de cavalaria, donde me mandaram em liberdade ao cabo de nove dias. Por esta pequena amostra vê o camarada redator o odio que a policia tem aos trabalhadores rurais. Ezerço o mister de hortelão no Monte de Vale de Moura e estou filiado na Associação da Torre dos Coelheiros. No dia 8 de junho obtive licença do meu patrão para ir a Evora, onde ainda não tinha voltado depois da minha prisão no ano anterior. Mal cheguei áquela cidade diriji-me a um alfaiate, onde mandei fazer umas calças, depois do que estive com José Galhardo, menajeiro, e Manuel Maria, hortelão, conversando sobre assuntos referentes á nossa profissão. Quando me despedi dos camaradas acima referidos, fui abordado por dois policias, um fardado e outro á paisana, que me convidaram a acompanha-los ao comissario. Este perguntou-me o que estava dizendo aos meus camaradas, e como lhe respondesse que falavamos sobre assuntos profissionais, fui apodado de cinico e que nada me valia negar. Não sabia, camarada redator, quais as acusações que me faziam, pois que o comissario não m'as formulou, e remeteu-me para a esquadra onde estive incomunicavel durante oito dias. Ao fim deste tempo fui remetido para o governo civil de Lisboa, e, após uma noite de permanencia num calabouço, transferido para a cadeia do Limoeiro, onde me conservam desde o dia 17 de junho. Que crime havia cometido para me conduzirem duma esquadra de policia de Evora para a cadeia do Limoeiro? Por mais tratos que désse á imajinação não conseguia desvendar tal misterio. Até que no dia 28 de junho fui interrogado na cadeia do Limoeiro por um ajente da policia, e soube então que era acusado de dizer mal da policia, da guarda republicana, do governo, e... de anti-militarista! Pasma-se, camarada redator, da audacia de tal acusação, que só me foi notificada em Lisboa, ao fim de 20 dias, e sem poder naquele momento apresentar o testemunho dos camaradas com quem estivera conversando. Era a segunda vez que me prendiam ao chegar a Evora. Da primeira, acusado de conspirador, e agora de anti-militarista!

E ha 30 dias que estou preso, lonje da minha terra, afastado dos meus parentes, sem saber qual o destino que me querem dar, e quem são os meus acusadores. E tudo em nome da liberdade, tão apregoada pelos caudilhos da Republica, que hoje prendem pobres trabalhadores, pelo *nefando* crime de seguirem os conselhos dos propagandistas republicanos, filiando-se nos seus sindicatos!

Cadeia do Limoeiro, 7 de julho de 1913.

Vosso camarada,

*Caetano Raposo.*

### Em Ferreira do Alemtejo

*Amigo redator*:—Muito grato lhe ficarei pela publicação da carta junta em que venho espôr mais ou menos as peripecias que se teem passado em 38 dias de prisão e a que pelos prostituidores desta jovem Republica tenho estado sujeito.

A 25 de Maio do corrente ano, a convite da Associação

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

de Classe dos Camponeses de Ferreira do Alemtejo, realizou-se na sua séde uma reunião de delegados dos seguintes sindicatos rurais:—Alfundão, Pero Guarda, Figueira dos Cavaleiros e Odivelas, freguesias do mesmo concelho de Ferreira do Alentejo, e estando cada sindicato representado por dois delegados, os quais vinham munidos de documentos positivamente autenticados, a fim de resolverem todos os assuntos de interesse para a sua classe que na mesma reunião se tratassem e discutissem. A ordem do dia era e foi unica e simplesmente a apresentação de duas tabelas: uma de salarios e outra de horarios, elaboradas e apresentadas pelo camarada Manuel Dimas da Silva, do referido sindicato de Ferreira do Alentejo, tabela que deveria abranjer todo o concelho. Depois de largamente apreciadas e discutidas foram as mesmas aprovadas na generalidade, resolvendo-se em seguida entrega-las á respetiva autoridade administrativa a fim de a mesma se encarregar de realizar uma reunião de lavradores, tendo-se para esse fim nomeado uma comissão composta dos camaradas Manuel Dimas da Silva, Manuel Zambujo, Carlos da Palma, Antonio Carvalho e Filipe Pancada, que nesse mesmo dia desempenharam o seu mandato fazendo a entrega das referidas tabelas á aludida autoridade, que perante a comissão se comprometeu a reunir todos os lavradores e proprietarios do mesmo concelho no dia 29 de Maio.

Efetivamente, no dia marcado, reuniram-se quasi clandestinamente numa das salas dos Paços do Concelho os ditos srs. durando essa reunião cerca de 3 horas, e á qual eu e Dimas e mais um bom numero de camaradas, assistimos mas da rua...

Pelas 4 horas da tarde foi o nosso sindicato visitado por um oficial de dilljencias, portador de um oficio do administrador dizendo que na referida reunião as tabelas tinham sido no seu todo rejeitadas e que todos os lavradores e proprietarios tinham resolvido não elaborar outras e, mais ainda, particularmente somos avisados por alguem de nossa confiança e que fazia parte d'essa reunião, que a maioria dos mesmos declararam:

—«Nós não queremos tabelas no concelho porque nós é que mandamos.»

Jamais se concebeu neste país, tão fraco em liberdades, que uma casta privilejiada detentora de tudo e todos, afrontasse de uma forma tão perentoria uma classe tão numerosa que de uma maneira ordeira e cordata pedia mais um bocado de pão, afim de poder minorar uma pequena parcela da sua miseria, não para com isso que ezijia comprar boa carne de vaca e tantos outros generos dispensaveis á vida em igualdade de circunstancias dessas castas, mas sim para poder chegar a adquirir azeite a 400 réis o litro—e este ruim—toucinho a 500 réis o quilo; chouriço de carne, a 700; de sangue a 500; farinha como farelo a 800 rêis cada 10 quilos, etc., etc., etc.

De harmonia com a direção do mesmo sindicato de Ferreira do Alentejo, foi resolvido que eu e Dimas, munidos de essas tabelas viessemos caminho de Lisboa, afim de junto de o governo reclamarmos ordeira e pacificamente o que de direito nos assistia e que o mesmo governo providenciasse e fizesse ver a esses srs. donos de tudo e de todos que a nós ainda nos assiste uma pequena pequena parcela de direitos, assim como a eles lhes assiste uma parcela de deveres, isto caso queiram continuar a ter os direitos de que se dizem senhores e possuidores. O que nos resultou desse nosso gesto de homens que só ambicionam e propagam a constituição de uma sociedade humanitaria e baseada na paz e na igualdade? Sermos traiçoeiramente presos em Pero Guarda, quando já iamos a caminho do cumprimento dum mandato que por dever se nos impunha; sim! traiçoeiramente presos, pois que os guardas republicanos que nos detiveram, simplesmente nos convidaram a ir á presença do administrador de Ferreira do Alentejo, o que era uma burla pois que a um quilometro antes dessa localidade já outra escolta nos esperava e nos conduzia imediatamente a Beja, onde chegamos pelas 2 horas da madrugada depois de um percurso de 35 quilometros a pé; tendo-nos conservado ali 3 dias incomunicaveis na esquadra da policia, fomos removidos no dia 2 de Junho para a cadeia civil central desta cidade, com a respetiva passajem pelo Governo Civil onde nos conservaram um dia num imundo calabouço, encontrando-nos eu e o meu camarada Dimas atualmente *em deposito* nesta cadeia no grupo E, esperando que os *grrrandes*... da Republica se lembrem ao menos de fabricar uma acusação para alivio de essa burguesia local que simplesmente tenta aniquilar-nos e manchar a honra e carater de homens que os estorvam de praticar na sombra crimes e manigancias muito lojicas... no seu modo de pensar, como parasitas e esploradores do suor e honra do proletariado.

Porém, continua, prendendo, encerrando associações, destruindo mobiliario e quiosques que esses vossos *trucs* já de nós bem conhecidos, só servirão, para nós, de estudo, desenvolvimento inteletual, criação de revoltados e nada mais.

Até breve.

Limoeiro, 1 de Julho de 1913.

Vosso e da cauza
*Luiz Maria Godinho.*

### Em Olhão

Prezados camaradas:

Presos, como *Terra Livre* já noticiou, em 30 do mês de maio ultimo, em Olhão por ocasião da declaração da greve aos operarios soldadores pelos patrões das fabricas, e removidos para a cadeia de Faro onde estivemos dois dias, viemos no dia 3 de junho para o Limoeiro onde nos encontramos ha já 38 dias sem que coisa alguma désse motivo a esta detenção.

Mas o que ainda é mais espantoso, prezados camaradas, é que ha 38 dias que nos encontramos privados da nossa liberdade, afastados das nossas companheiras e filhos de quem somos o unico amparo, sem sabermos o motivo de tamanha malvadez pois que — é inacreditavel! — até agora nunca nos disseram porque estamos prezos, nem no momento da prizão em Olhão, nem na cadeia de Faro, nem no governo civil por onde transitamos, nem mesmo aqui no Limoeiro!

Por mais que nos esforcemos por adivinhar a causa da arbitrariedade de que estamos sendo vitimas, não encontramos nada que a justifique, o que nos convence de que somos vitimas de odios pessoais, de vinganças mesquinhas de antigos caciques monarquicos hoje republicanos que não vêem com bons olhos aqueles que querem educar os seus companheiros de oficina e de escravidão.

A nossa prisão causou, pela arbitrariedade que representa, tão profunda indignação entre o operariado de Olhão lancado á greve forçada pelos patrões, que resolveram, terminado o *lock-out*, só retomar o trabalho com a condição de sermos primeiramente postos em liberdade.

O lock-out, porém, foi levantado e o operariado não podendo resistir mais á fome que os vitimava o desemprego durante tres meses, retomou o trabalho.

Perguntamos agora: não será ainda ocasião de nos pôrem em liberdade?

Isto é o que pretendemos mas muito agradecidos ficariamos que ao soltar-nos nos dissessem ao menos o motivo porque estivemos presos durante tão longo tempo.

Dada a ansia exterminadora da organização operaria do democrata Afonso Costa e o seu espirito vingativo, não alimentamos grandes esperanças em que justiça nos seja feita tão cedo. E se é intenção e do prazer do chefe do atual ministerio, conservar-nos presos por mais algum tempo, ao menos que sejamos remetidos para a cadeia da vila porque estando aí poderemos repartir com os nossos filhos o rancho que nos é distribuido. Isto salvo se ao moderno Nero lhe apraz gozar em mente com o espetaculo que oferecem as mulheres dos proletarios chorando lagrimas de sangue e soltando gritos de desespero perante as contorções pela fome dos nossos filhos inocentes, como aprazia aos odiados inquisidores que o sr. Afonso Costa combate mas cuja alma ele incarna.

Limoeiro, 7 7-1913.

*Francisco Antonio Amaro*, vice presidente da asssembleia geral da Associação dos Soldadores de Olhão; *José Luiz dos Reis*, operario soldador; *Joaquim Ribeiro*, operario soldador; *Pedro Vicente*, idem; *Francisco Lopes de Sousa*, presidente da Associação dos Maritimos, e *José dos Reis da Ascenção*, tesoureiro da mesma coletividade.

## Pájinas alheias

Se o sr. presidente do conselho se desse ao trabalho de reunir todas as suas afirmações politicas, o publico regalar-se-ia com uma coleção de dispauterios que deixariam a perder de vista o *Pio'ho Viajante.*

Veja-se, por ezemplo, as relações do chefe do franquismo com a Liberdade.

«Não se póde governar sem a liberdade» gritava ele pelas baiucas onde apostolizava o seu credo. «O povo portuguez quer e tem o direito á liberdade, e é necessario honestamente dar-lha.»

E tão apaixonado da liberdade era que atè denominou o seu grupo com a ostentosa designação de: *partido regenerador-liberal.* Vai porêm ao poder e não só não faculta liberdades novas, como entra a sufocar as que embora fracamente, já existiam.

Liberdade de manifestação nas ruas? Proibida. Liberdade de reunião? Os comicios cercados de guarda municipal. Liberdade de tribuna? Os deputados espulsos do do parlamento á coronhada. Liberdade de imprensa? Asfixiada por uma lei draconiana. E tudo isto porquê? Ele já o disse. Porque o povo não está ainda educado para a liberdade. Mas então ou mentia ou se enganou quando fez degrau para chegar ao Poder da plataforma da Liberdade.

Se mentiu é um farsante.

Se se enganou, retire-se.

Não se compreende, com efeito, que um politico liberal esteja traindo os seus principios em proveito dos seus interesses partidarios.

Se se enganou, se reconhece esse engano a sua missão está finda. Portugal não está ainda educado para a liberdade e portanto não tem o direito de aspirar ás delicias de ser governado por ele.

(De *O Mundo* de 19-1-907 durante o governo franquista.)

Confirma-se que é no domingo que se realiza em Lisboa o comicio de protesto contra o projeto de lei da imprensa.

Já aplaudimos a resolução do comicio e repetimos o nosso aplauso.

A imprensa deve apelar para o publico, deve interessa-lo nas suas reclamações, sob pena de nada conseguir. O publico, por seu lado, deve acompanhar a imprensa, deve dar força ao seu protesto, porque defendendo as garantias da imprensa, defende os seus proprios interesses.

O comicio é necessario, o comicio é oportuno, mas é natural, quasi certo *que o comicio não basta.*

A imprensa deve por isso dispor-se a ir por diante, chegando até onde for preciso

(De *O Mundo* de 12-2-907)

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

# Os seus designios...

Necessario se torna no atual momento coordenar factos para desapaixonadamente analisarmos a situação da classe operaria neste país, onde vivemos num regime de completo absolutismo sob a vigencia dum governo a que preside Afonso Costa, homem que durante a propaganda republicana muito adulou os trabalhadores e hoje é o seu mais encarniçado perseguidor e tirano.

Analisemos pois. Durante os ultimos anos da monarquia era fraca ou quasi nula a organização operaria em Portugal, devido aos republicanos, nos comicios e conferencias, aproveitando a extrema ignorancia deste povo, prometerem que uma vez implantada a republica ela resolveria o problema economico atenuando imediatamente a grande miseria que nos esmagava.

Após a revolução como os homens guindados ao poder não se preocupassem em cumprir ou sequer em pensar nas promessas que haviam feito, os operarios que até ali enchiam os centros politicos republicanos — transbordantes de fé e entusiasmo,—começaram a convencer-se de que nada deviam esperar desses homens que os enganavam constantemente e principiaram a engrossar as associações de classe que já existiam — mantidas por meia duzia de persistentes através mil dissabores e dificuldades— e fundaram muitas outras, tomando especial incremento a organização dos rurais que com geral assombro, no curto espaço de dois anos e meio conseguiram que, no Alentejo e parte da Estremadura, 127 associações se organizassem fundando tambem uma poderosa Federação com séde em Evora.

Os corticeiros, a construção civil, os manufatores de calçado, os metalurgicos, os empregados do comercio, as artes graficas, a industria mobiliaria e muitas outras enfim, teem progredido bastante realizando quasi todas os seus congressos onde estudaram a forma de melhorar a situação economica dos seus associados despreocupados de toda a àção politica, estreitam os laços de solidariedade entre si e fundam tambem as Federações de industria que prometem num procimo futuro desempenhar um importante papel economico-social.

Existem tambem Uniões Locais nas principaes cidades, Lisboa, Porto, Evora, Coimbra e Setubal, estando-lhes aderentes quasi todas as associações nestas existentes, dispensando-nos agora de reeditar o importante lugar que ocupam.

Não contando os nossos politicos com tão repentina organização dos produtores e seu completo desinteresse pelas suas personalidades, não teem perdido um momento para esmagar o nosso movimento sindicalista que os assusta, e, aproposito de conflitos entre patrões e operarios, intervindo a força armada, esta tem feito morticinios em Setubal, Evora, Coruche e Silves.

Seguiam no entanto conscios dos seus direitos e cada vez mais pujantes e fortes os nossos sindicatos, quando ha cinco meses subiu ao poder Afonso Costa, que lhes jurou guerra de exterminio não dando treguas a seus designios.

Que assim é prova-nos o facto de imediatamente a ter assumido o governo, fazer anunciar uma conferencia na Imprensa Nacional sobre Catolicismo e Socialismo, simples pretesto para desencadear uma saraivada de improperios sobre o Sindicalismo—demonstrando por forma categorica e iniludivel que de tal percebia tanto como nós dum lagar de azeite —contando de antemão com a ausencia dos elementos sindicalistas — pois que semelhante ataque não estava incluido no programa — e presentes que estivessem o não interromperiam.

Anunciaram os jornais que essa conferencia seria publicada em manifesto e distribuida a todo o país, o que não sucedeu por a Comissão Ezecutiva do Congresso Sindicalista ter desmanchado, um a um, todos os argumentos que contra o sindicalismo S. Ex.ª amontoára.

Fazem-se circular por todo o país manifestos, uns assinados, outros clandestinos, em que se insinua torpemente que os sindicalistas pretendem chacinar lavradores, queimar searas, etc., tudo para desconceituar perante o publico doutrina e propagandistas!

Como tudo isto não bastasse prende a torto e a direito os individuos que mais se salientam, quer organizando os operarios quer condenando a sua perniciosa conduta. Sem motivo algum encerra Associações, sendo ultimamente encerrada e dissolvida a União das Associações de Lisboa onde estavam instaladas perto de quarenta agremiações. A imprensa que lhe é afeta, e ele proprio no parlamento, insulta-nos constantemente alcunhando-nos de vadios, *souteneurs*, etc., quando sômos homens que só do nosso trabalho vivemos, dando-nos mancomunados com elementos monarquicos, mas nunca provando as suas acusações.

Em 25 de maio proximo passado, o partido democratico, partido de que é chefe Afonso Costa, convidou o povo capital a assistir a um comicio da em que se deveria protestar contra a carestia da vida, protesto que resultaria mero platonismo, pois só tinha em mira provocar uma ruidosa manifestação de simpatia ao seu chefe, para ficar assim evidentemente demonstrado que forte opinião secundava a sua obra governativa. Apareceram nesse comicio mais de 40:000 pessoas. Um ex-socialista hoje partidario de Afonso Costa pretendeu falar, mas o povo que o conhece muito bem não consentiu que falasse.

Os sinceros socialistas, sindicalistas e anarquistas que falaram, foram muito aplaudidos, salientando as perseguições feitas aos trabalhadores e aprovando ruidosamente uma moção em que acremente eram condenadas as prisões dos nossos camaradas e o encerramento das Associações, reclamando a liberdade de imprensa, de pensamento, de associação e de reunião, coisas que durante o governo deste homem teem sido espezinhadas.

Se o seu cerebro de ditador ha muito vinha ruminando vingança, depois deste comicio jurou-nos um golpe forte e decisivo que de vez nos aniquilasse.

No dia 7 deste mês foram os operarios mais em evidencia chamados ao comando da policia, onde lhes disseram constar que alguma coisa se preparava para perturbar as festas da cidade que então se efetuavam e que se tal se desse os responzabilizava pelo sucedido. E' de crer que semelhante aviso tinha fins ocultos, repelindo os nossos camaradas o que lhes queriam impor.

Dois dias decorreram sem incidente, quando no dia 10 á passagem do cortejo em homenajem a Camões, um individuo que empunhava um pendão em que se lia — *Pão ou Trabalho* — pretendeu incorporar-se no mesmo; estabeleceu-se confusão; mão oculta lança uma bomba sobre gente toda pertencente á classe trabalhadora ficando algumas pessoas feridas mortalmente. Imediamente conhecidos *carbonarios* começaram em altos gritos a propalar á multidão que foram os sindicalistas os autores de tão grande barbaridade. A multidão sujestionada acompanha esses individuos que lançam fogo a um conhecido Kiosque, instalado no Rocio, que ha longos anos vendia livros e jornais socialistas, sindicalistas e anarquistas; depois de reduzido a cinzas dirigem-se á séde da União das Associações que estava á guarda do governo e ahi partem vidros e outras coisas. Durante tudo isto nenhuma força apareceu para evitar os terriveis assaltos.

A imprensa do governo afirma descaradamente que o atentado contra operarios partira dos sindicalistas e Afonso Costa, ufano, no parlamento, anuncia que o sindicalismo se suicidára na rua do Carmo, ordenando ainda a prisão de sindicalistas conhecidos encerrando-os no Limoeiro.

Depois de inumeras noticias desencontradas e venenosas a policia chega á conclusão de que não encontra quem lançou a bomba...

Aos militantes operarios como nem ao de leve lhes podem imputar a menor responsabilidade no atentado, forjam-lhes responsabilidades indiretas pela propaganda sindicalista que fizeram antes da sua pratica.

O jornal *O Sindicalista* é perseguido com o firme proposito de o não deixarem desfazer na opinião publica todas as calunias que sobre nós cuspiram e para que não possâmos repudiar tôda a conivencia que nos querem atribuir no atentado e sobre nós continue a pesar a acusação de facinoras, incendiarios, vadios e tudo o mais que lhes apetecer.

Concluindo: com as Associações encerradas, camaradas presos e os nossos jornais perseguidos como podêmos dedicar-nos serenamente a uma propaganda de educação, formar conciencia associativa e estudar o intrincado problema economico?

E, tudo que contra nós se tem feito é ou não no firme e unico proposito de aniquilar a organização sindicalista?

*Evaristo Marques Esteves.*

# Guanabarinas

*Rio, 15 de junho.*

Percorro as notas, que tomei, da quinzena:

*Politica. Politica. Politica...*
(Segue-se um borrão confuso. Ha traços fundos de pena. Traços nervosos. Em ziguezague. Não percebo nada... Viro a a pajina do caderno, a ver se encontro coisa mais limpa. Inutil. Lá está, ao alto): *Politica...*

*

Realmente. Não ha mais nada. Só politica. O ar está empestado de politica... A cidade anda suspensa. Só se discute o «caso das candidaturas». Só se dá atenção ao «caso das candidaturas.» Só o «caso das candidaturas» interessa. Os jornais enchem pajinas e pajinas, noticiando as intrigas do momento. E contradizendo-se uns aos outros, apesar das fontes sempre puras a que cada um recorre. Apesar disso. Apesar? Será talvez mais certo dizer: por isso mesmo... Brrr! Isto dá nauseas...

*

Não sei se valerá a pena relatar aqui um dos maiores escandalos admnistrativos deste muito marechalicio governo. Ah! em verdade vos digo que é um escandalo de polpa grossa! Um escandalo de alta patente. Digno das douradas dragonas do Marechal Presidente... Refiro-me á chamada «roubalheira da prata.» E' um panamá. Formidavel...

Eu vos conto o caso em pou-

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

cas palavras... A lei da Receita para 1913 autorizava o governo a fazer as operações de credito necessarias para a cunhajem de 60:000 contos em moedas de prata. O custo desses 60:000 contos, se a cunhajem fosse feita na Casa da Moeda seria de 34:429 contos, numeros redondos. O governo porem decidiu dispensar os serviços da Casa da Moeda. E vai, abriu concorrencia para a cunhajem dos tais 60:000 contos. Varios concorrentes se apresentaram. Desses concorrentes, o governo contratou precisamente o que apresentara proposta mais desfavoravel: a firma Victor Uslaender & C. O custo da cunhajem, segundo esta proposta, será de 40.395 contos. Quer dizer que daí resulta um prejuizo de 5.966 contos, algarismos redondos, contra o Tesouro Nacional. Ha ainda a notar que esse contrato foi *ilegalmente fechado*, *absolutamente sem nenhuma formalidade legal.*

Quereis agora saber a causa dessa preferencia dada á proposta Victor Uslaender & C.? Di-lo um jornal burguez: porque o governo quiz «favorecer Uslaender e *aqueles* que lhe apoiavam a pretenção, entre os quais estava o gatuno João Laje, que lestamente se foi para a Europa, tratar do grande negocio»... (O jornalista portuguez João Laje, vulgo João Gazua, diretor do grande matutino *O Paiz*, republicano ardoroso áquem e além-mar, é amigo intimo e camarada de jogo dos mais graduados paredros politicos desta brasilica terra. E naturalmente, tambem dos da lusa...)

No seu ultimo artigo a respeito desse escandalo, dizia o *Correio da Manhã:* «Diante de tanta sem-vergonhice e tanta patifaria, só ha uma conclusão a tirar: é que o desmoralizado governo do marechal Hermes, apregoado como rejenerador dos nossos costumes, chegou a ser mais corrupto, mais imoral e mais desonesto que o do proprio sr. Campos Sales — o estadista sem compostura e sem dignidade, que os salteadores do Tesouro querem levar de novo á presidencia da Republica.» Engana-se, porém, o *Correio da Manhã*. A conclusão a tirar é muito outra. E é que o desmoralizado governo do sr. Marechal, apregoado como rejenerador dos nossos costumes, é tão desonesto, tão imoral e tão corrupto como o governo de todos os seus antecessores da republica e do imperio e de todos os por virem. E como igualmente, os varios governos passados, presentes e futuros da America, da Europa ou da Asia, monarquicos ou republicanos...

Porque não consta seja outro o oficio de governo que não este: roubar, roubar, roubar, roubar.

*Astrojildo Pereira.*

# Cronica internacional

## EM FRANÇA

foram presos uns vinte militantes sindicalistas, quase todos secretarios ou tesoureiros de sindicatos, «por excitação de militares á desobediencia». Parece tratar-se ainda do velho caso do «Soldo do Soldado» — a instituição operaria de solidariedade para com os trabalhadores sindicalistas em serviço no ezercito,—pertencendo a maioria dos detidos ás organizações da Construção Civil.

Trata-se dum simples manejo politico do governo. E' o que diz Jaurès em *L'Humanité*:

«Se o ministerio Barthou imajinou que, com a manobra clássica e gasta das prisões, refazia o seu crédito e impressionava á Camara, ouso dizer-lhe que se enganou gravemente. Nos corredores, só havia um clamor: E' um manejo, e o mais grosseiro de todos.

«De duas coisas uma, com efeito. Ou as circulares visadas pela querela do sr. Drioux estão incursas na lei; e isso é um facto já antigo, um delito que durava ha meses e anos; que significa então esta inculpação súbita, coincidindo com os embaraços parlamentares do governo? Ou o juiz pretende estabelecer entre as circulares do «Soldo do Soldado» e os sucessos de Toul, Belfort e Rodez uma relação diréta, e então como é que os soldados foram julgados sem serem processados ao mesmo tempo, perante uma jurisdição única, os que os incitaram a cometer o delito? Todo este processo é monstruosamente arbitrário e ilegal».

Parece-nos, entretanto, que o fim do governo é sobretudo desorganizar a resistencia popular á reação militarista, á lei dos tres anos imposta pela alta finança e pela alta industria. A oposição parlamentar pouco vale, ou antes, como nota um camarada, serve para entreter o povo, «para manter a ilusão de que os debates parlamentares são a expressão genuina das diversas correntes e as deliberações são tomadas depois de espostas todas as razões pró e contra». Assim Jaurès, após um magistral discurso, formidavel de argumentação contra o serviço de tres anos, é entusiasticamente aplaudido pela grande maioria da Camara; e Barthou e Etienne só conseguem opor lhe pobres sofismas e uma ora retórica. Mas no fim, como dizia ha dias um deputado malicioso, quantos dos que aplaudem Jaurès lhe dão o seu voto?... A maioria e a minoria são feitas de antemão pelos interesses de varias ordens; e a opinião manifestada em particular nos corredores da Camara não faz lei nas votações...

A verdadeira oposição está cá fora, no povo, no proletariado organizado; e essa continúa de pé, firme e ardente. As prisões dos militantes são em França um novo incentivo; e o comicio anunciado para 13 do corrente mostrará que o governo não fez senão dar novo alento á C. G. T. e á sua forte e vasta ação.

## EM ESPANHA

deu-se ha pouco um belo ezemplo de solidariedade. Eis como o refere *El Socialista*:

«O operário José Roche, preso em Riotinto por agredir o chefe do filão do Sul, saiu hoje conduzido pela guarda civil no comboio das onze, para ser encerrado na cadeia ne Valladolid.

Não obstante ser àmanhã o dia anunciado para a transferencia adiaram-na um dia, temendo uma alteração da ordem. Mas as medidas tomadas foram inuteis.

A noticia da saída do preso divulgou-se rapidamente pelas aldeias vizinhas da mina. Ao conhecê-la, reuniram-se as mulheres, que alcançaram o comboio na estação do Valle.

Aqui, ao partir o comboio, as mulheres e as crianças deitaram-se sobre a linha, dando mostras de uma corajem admiravel. O maquinista, ante o comovente espetáculo, deteve a locomotiva.

A atitude das mulheres obrigou a guarda civil a fazer entrega do preso. Este, montado num burro, foi acompanhado por 1.500 mulheres até Nerva, onde estas o livraram, levando-o para casa dele. Como o preso ia doente, em Valle as mulheres com comovedora abnegação materna, levaram mais de mil garrafas de leite para o reconfortar».

Oh! se este exemplo fosse imitado amiude!...

# Respigos e respingos

### O parlamentarismo.

*La Voce*, jornal burguês florentino, insuspeito de revolucionarismo, dizia ha pouco:

«O espétáculo dado pelo rejime parlamentar nos últimos anos, foi este: o que de bom produziu foi imposto ou ditado ao parlamento pelas Associações Operárias, pelos Sindicatos, pelas Federações, pelos Técnicos estranhos ao parlamento, mas conhecendo por dentro os assuntos a tratar e as necessidades a satisfazer. O que o parlamento produziu por si só foram leis fantasticas sem engrenajem com o país, em contradição com a sua vida, etc.»

Ora aqui está uma béla e insuspeita defêsa do sindicalismo e da ÁÇÃO DIRETA.

Se *La Voce* soubesse o que de tais assuntos escrevem os seus colegas portuguêses!...

### Bonéca de luxo.

Um ponto muito controvertido nos meios mundanos ingleses é o de saber a que mulheres se póde dar o titulo de *lady*. Num jantar do Savage Club, mistress Alice Perrin definiu assim a *lady*:

«Uma *lady* é uma mulher que não faz coisa alguma por suas mãos; que faz as suas compras na Bow Street; que tem pelo menos dois criados e um cão de luxo; que só anda de carro; que sabe desmaiar quando é preciso; que caminha com graça e tem excesso de ocupações; que foi, finalmente, apresentada na côrte.»

No futuro, aos estudiosos das coisas dêste tempo, ha de causar espanto a ezistencia deste tipo repugnante de parasita — e o haver quem o dê como modêlo.

E ainda a inconsciencia da maioria que consente em trabalhar e sofrer para que *aquilo* viva assim!

### Causas de prostituição.

Na revista *Esculape*, de 9 de setembro de 1911, o médico Paulo Laffont regista os seguintes dados:

«Em 5:183 detidas em Saint-Lazare, por delito de prostituição, 1:441 tinham a isso sido levadas por excesso de miséria; 1:425 haviam sido seduzidas e abandonadas pelo amante; 1:225 tinham-se visto sem pai nem mãe, ou haviam sido expulsas da casa paterna; 404 trazidas a París por oficiais ou estudantes e depois abandonadas; 289 criadas seduzidas pelos patrões e em seguida despedidas; 37 solteiras ou viuvas sem outro recurso para sustentar páis velhos ou enfêrmos; 29 raparigas fazendo o odioso comércio da sua carne para criar as irmãs ou irmãos mais novos; 23 viuvas ou esposas abandonadas procuravam na prostituição meio de ganhar a vida para seus numerosos filhos.»

Que terrivel libélo contra a presente organização social!

Observação a fazer: todas essas desgraçadas saíram do operariado e 700 de entre elas fôram vitimas diretas dos sedutores burguêses.

### Ingenuidades.

Alguns republicanos russos dirigiram a sindicalistas francêses uma carta, da qual Yvetot dá, em *La Bataille Syndicaliste*, o excerto seguinte:

«O nosso sonho seria tambem impôr ao nosso Imperio a vossa carta da Revolução, com sangue a menos. Talvez nós tirassemos mais proveito de tal acontecimento, pois a evolução da vossa burguesia francêsa, cheia de lições, nos preservaria duma tríplice ruína: política, moral, económica, como aquela em que estais a caír. Pésanos saber que, dia por dia, aos poucos, as vossas liberdades, que imaginávamos para sempre conquistadas, vos são uma a uma retiradas, numa transição bastante hábil. Os vossos homens do podêr, renegando assim a sua origem, aprocimam-se mais dos nossos. Como política interior, o caráter que preside á sua marcha é da mesma natureza.

«Entre vós, a justiça repressiva não se faz esperar: é primeiro aplicada nas esquadras de policia. Não podemos dizer inteiramente o mesmo quanto a nós: aqui, onde os castigos corporais ainda ezistem, só se bate após sentença do juiz.

«Quando um pôvo como o nosso tenta emancipar-se dessas humilhações, é bom sinal. Quando um pôvo emancipado por várias revoluções as sofre, é o sinal contrário.

Quanto ás insubordinações dos soldados nos vossos quarteis, isso não causou impressão entre nós. São factos bastante frequentes na Rússia. Entristece-nos essa crise política que póde dar em resultado o córte de todos os vossos direitos de cidadãos. Por isso protestamos contra as tentativas dos vossos governantes. que tendem, com golpes de audácia que nem sempre os nossos ousariam, a despedaçar o organismo central das vossas corporações operárias.

«Isso já era esperado em certos meios russos, pois um dos nossos jornalistas, que entrevistára o vosso prefeito de policia em missão secreta em S. Petersburgo, escrevêra no jornal que «o sr. Lépine tinha prometido encarregar-se de dissolvêr em breve a vossa C. G. T.»

«Todos estes factos são, na verdade, sinais bastante caracteristicos duma grande tempestade que pésa sôbre o vosso povo, nosso irmão pelas aspirações. Acautelai-vos! Proclamai que há aqui homens que protestam contra semelhantes atentados aos direitos individuais e que êsses não são ezaltados, mas républicanos como ainda os há na vossa França.

Que o nosso protesto seja ouvido por todos os républicanos do mundo inteiro...»

Os républicanos no podêr ouvem melhor.. os seus colegas de França.

Como estão as repúblicas! e como são ingénuos os républicanos... das monarquias!

## Para a «Terra Livre»

Da nossa camarada Maria Vieira, recebemos um estojo de toilete em prata, um broche em ouro e um anel para auxilio da publicação da *Terra Livre.*

Todos estes objetos que se acham patentes nesta redação vão ser rifados. No proximo numero será organizado o sorteio.

## Livros para vender

Um camarada que se acha gravemente doente tem necessidade de se desfazer de varios livros da sua biblioteca.

Os camaradas que quiserem fazer aquirição d'excelentes obras sobre a questão social arte, romance, etc., poderão procura los nesta redação.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

# Revista dos jornaes

### Debate politico

Do *Intransijente* reproduzimos, por o acharmos digno de ser arquivado, o breve discurso do deputado sr. Machado Santos na sessão parlamentar de 28 do mês de junho:

«*Sr. Presidente:* Tarde chegaram aos meus ouvidos os protestos de respeito á Constituição e á Lei, do sr. presidente do ministerio; e porque chegaram tarde eu não voto essa moção de confiança ao governo que o sr. dr. Brito Camacho com tanta generosidade houve por bem conceder-lhe.

Não ha memoria em Portugal de haver existido um governo que a menos de seis mezes de exercicio provocasse uma atmosfera de animadversão e de repulsa igual á que presentemente respira. Eu não vou fazer a historia dos atos de rebelião que já se teem desenhado, nem doutros acontecimentos gravissimos que são do dominio publico; abster-me-ei de analisar o que foi esse movimento insurrecional de 27 de abril, o que foram os assaltos á Casa Sindical e ao Gimnasio; limito-me a a salientar a declaração feita pelo sr. dr. Brito Camacho, de que considera lejitima toda a resistencia contra os abusos do poder, contra os atos de despotismo, resistencia que vai até á revolução quando se esfrangalhe a Lei e se lancem ao desprezo todas as normas do direito e da Justiça.

*Sr. Presidente:* eu pergunto á Camara se não são abusos do Poder, atos de despotismo, o encerramento das associações operarias, a censura prévia, as prizões em massa, o degredo antecedendo o julgamento. Eu pergunto, *sr. presidente*, que é feito da liberdade de pensamento, do direito de associação e de reunião, da independencia dos poderes do Estado?

Trairia a minha consciencia, faltaria ao que devo ao meu país, se vendo este governo fujir ás responsabilidades, negar-se a prestar contas dos seus atos de violencia e despotismo, eu lhe fosse votar uma moção de confiança!

Confiança em quê? porquê?

Disse o sr. dr. Brito Camacho que a opinião publica se não havia manifestado ainda contra o ministerio: se é por isso que se aguarda para se lhe entregar o mandato de despejo, eu não vejo como essa opinião se ha-de manifestar com as leis de esceção em vigor, os tribunais marciais em atividade, os carceres a abarrotar de prezos e a imprensa amordaçada, a não ser pela revolução. Pois se é por isso que se espera, contai com ela! Mas não imajineis que ela seja generosa, benigna, como foi a de *5 de outubro*; ela será terrivel, ensanguentará as ruas de Lisbôa, porque não é impunemente que se agrava tudo e todos, que se injuria toda a gente, que se ludibria e oprime um povo inteiro.

Tão certo está o governo de que a opinião publica lhe é adversa, que as prevenções militares são já sem conto, sucedendo-se diariamente umas ás outras, como se estivessemos em vesperas de acontecimentos graves.

Não sou eu só, como vêdes, a fazer previsões tristes; o proprio governo me acompanha nelas. Para evitar uma terrivel hora de provação ao meu país e — quem sabe? se um epilogo trajico, um so meio conheço — é indicar ao ministerio aquela porta: Que se vá embora e que nos deixe em paz.

### A Situação

Do sr. Alfredo Pimenta, apreciando, na *Republica* de sabado ultimo, a atual situação politica do paiz:

«A situação da política nacional, mercê das habilidades, das arremetidas inconvenientes do sr. Afonso Costa, cuja aptidão cientifica é atestada por todos os ignorantes dêste país, cuja aptidão financeira é afirmada e jurada por aquêles émulos de Neymarck e Nitti que vão para as galerias da câmara dar palmas, e para as capelinhas partidarias subscrever telegramas divertidos, e cuja competência de homem de govêrno é solenemente garantida por todos os dementados desordeiros que para aí andam á solta, a situação da política nacional, diziamos nós, é verdadeiramente singular.

Não conhecemos homem pùblico algum, na politica portugueza e na política estranjeira, contra quem seja possivel organizar-se um libelo acusatorio tão eloquente como êste que se tem feito e se vai fazendo contra o sr. Afonso Costa.

.. ..... ... .....

E é lançando assim a perturbação numa cidade inteira, (Coimbra) e que vai alastrando por todo o distrito, e é respondendo aos seus pedidos pacificos com o envio de forças da Guarda Republicana, que o sr. Afonso Costa quer mantér a ordem em Portugal? É censurado e apreendendo jornais, calcando a consciência política dos cidadãos, deixando impunes desordeiros e demagôgos. irritando tudo e todos, hostilizando toda a gente, achincalhando e tripudiando e, por cima de tudo, não levantando acusações gravíssimas que lhe são feitas em plena camara, — que o sr. Afonso Costa quer manter a ordem em Portugal e encher de prestijio a República?

### Transcrição

Foi encerrado, por ordem do governador civil, o Centro de Estudos Sociais, com séde em Alcantara.

Em toda a parte se move, neste momento — e com especialidade em Portugal, uma verdadeira guerra de morte contra as ideias novas. A burguesia, vendo fujir-lhe o terreno, aproveita-se de todos os meios de que dispõe para impedir a sua espansão. Assim, Monarquias e Republicas dão-se fraternalmente as mãos nesta ingloria tarefa de esterminio..

Francamente, estes ridiculos senhores do Poder — ou são muito ignorantes ou muito estupidos! Pois não vêem, não compreendem que nada ha, absolutamente nada, que deter consiga a marcha vingadora da Justiça? Pois não vêem, não compreendem que ha uma força infinitamente mais poderosa do que todas as suas forças e que essa força indestrutivel, unica, sagrada, conquistadora suprema das almas e dos mundos, se chama — a Ideia? Não vêem, não compreendem que, se levantar conseguissem um cadafalso em cada canto e acender uma fogueira em cada praça, jámais fariam calar, um só instante a voz dominadora dos novos profetas e o clamor vitorioso dos seus discipulos? Não vêem, não compreendem que, ac ma, muito acima das suas bastilhas tenebrosas e das suas guilhotinas sangrentas — resplende, em toda a sua estranha beleza, o sol ardente das mais altas e formosas aspirações, alumiando e guiando, através das antigas e densas florestas da Maldade, todos os homens que no seu peito sentem bater um coração? Não vêem, não compreendem finalmente, que o sempre triunfante Pensamento Humano será, um dia — tarde ou cêdo, que importa?! — o implacavel Sansão demolidor do velho, ignominioso templo do Privilejio e da Mentira, embora o detenham milhões de Mausers e milhares de Krupps?

A Historia a todos franqueia as pajinas imorredouras do seu livro... Leiam-nas, senhores! Leiam-nas, decorem-nas, meditem nas,—e, se alguns vislumbres de sensatez ainda lhes restam, deixem-se de inuteis e, até, por vezes, contraproducentes violencias, procurando evitar — o inevitavel! — *José Bacelar*).

(Do *Socialista* de 6-7-1913).

### Verdades duras de roer

Apareceu transcrito em numerosos jornais da provincia um artigo firmado pelo deputado sr. Ribeiro de Carvalho intitulado *A Derrocada* em que se encontram trechos como estes:

«A onda do descontentamento, em todas as classes sobe sempre; é já ameaçadora..

Hoje, onde não ha indferença, onde não ha desanimo, ha má vontade. Aquele povo que delirava de sagrado entusiasmo, nas ruas de Lisboa, a aclamar a Republica, é o mesmo, absolutamente o mesmo, que no ultimo comicio de Lisboa foi crivar de insultos e apupos os politicos republicanos.

O povo das grandiosas manifestações republicanas, no tempo da monarquia, é o mesmo dêsse ultimo comicio da capital. Não o tentem negar. Nem tentem fingir que desconhecem o estado dos espiritos. Não teimem em alcunhar de malta aquela mesma multidão que ainda ontem era classificada de. povo soberano.

A rua de Lisboa, que foi a unica força que o atual chefe do governo encontrou para se poder impôr e para conseguir trepar, não estará ao lado do sr. Antonio José d' Almeida, não estará ao lado do sr. Brito Camacho. Mas não está ao lado, tambem, já agora, do sr. Afonso Costa.

Temos até a impressão de que é este hoje, o politico mais detestado pela rua, sendo ao mesmo tempo o mais odiado pelos conservadores — incluindo aqueles que por mêdo, se foram apressadamente filiar no seu partido.»

### Museu de asneiras

«*Terra livre*, para provar que só vem combateudo pelo bem estar e dignificação de toda a Humanidade, chama á prosa d' *O Intransijente* do Sr. Machado dos Santos, *palavras honestas*, á prosa do Sr. Alfredo Pimenta no *Republica, doutrina sensata*; á prosa d' *O Mundo* do Sr. França Borges *barril do lixo*; e á prosa do deputado socialista Manuel José da Silva *museu d'asneiras*.

Não está pior esta fórma de dignificar a Humanidade.»

(D'*O Operario*, semanario de Beja, de 29-6-1913).

---

Dos acontecimentos de Lisboa ocupáram-se, protestando contra a opressão, os seguintes jornais:

Em Espanha:
*Acción Libertária*
*Tierra y Libertad*
*El Porvenir del Obrero*
*La Voz del Obrero.*

Em Itália:
*Volontà*
*L'Internazionale*
*Il Pensiero Anárchico.*

Em França:
*La Bataille Syndicaliste*
*Le Libertaire*
*L'Humanité.*

# Pró presos

José dos Santos, 200 réis — Maria Vieira, 500 — Francisco Borges, 300.

Subscrição promovida pelo grupo libertario *A Mocidade* na região do sul:

José das Neves, 200 réis—Alfredo Pires, 100—Artur Antunes, 100 — João d'Almeida, 100—Antonio Lopes, 100—Antonio José Franco 1.º, 100—Margarida Paula, 20—Zacaria Pinho, 60—Salvador Correia, 100—Bernardo da Silva Junior, 100—Pedro dos Santos, 30—Luiz Gaspar, 20—Um Libertario, 60—Um Libertario, 20— Jeronimo, 20—Maria da Luz, 20—Maria do Carmo, 20—Antonio José Franco 2.º, 100 - Antonio Mendes, 100—Um Libertario, 40—Antonio Branco, 20—Ana Figueiredo, 100—Adelino dos Reis, 20—Antonio Mateus, 80—José Afonso, 30—Virgilio Julio Correia, 100—Francisco Pontes, 50—Augusto da Costa Freitas, 40—O Grupo, 500—Total, 2$350 réis,

Subscrição aberta pelo camarada Manoel Rodrigues Semião em Aljustrel:

Manoel Rodrigues Semião, 200 réis—Inacio Maria, 50—Antonio Anjelino Monica, 40—Francisco da Cola, 40—Francisco Custodio, 20—Eduardo Martins, 60—Francisco Simão Claro, 20—José do O', 20—Manoel Mendes Estanque, 40—Manoel José Pedro, 40—José Antonio Maria de Oliveira, 200—Antonio João Casaca, 50 Joré Ventura, 50—Justo Leão, 100—João dos Santos Machado, 100—Francisco Joaquim, 100—Manoel Afonso, 20—José Martins Costa, 20—José Joaquim Coelho, 40—Francisco Barradas, 40—Manoel da Palma Jacinto, 20—Ventura da Costa, 20—Inacio José, 20—Manoel Belchor, 20—Antonio Alves Jorje, 100—Joaquim Ramos, 100—Total 1$530 réis.

## Subscrição a favor dum camarada que se encontra tuberculoso

G. N. R., 300 réis — Craveiro, 300 — Manuel Ribeiro, 100 — Aurelio Quintanilha, 100 — Afonso Manaças, 100 — João Pedro dos Santos, 100 — Antonio Ferreira, 100 — A., 50 — Correia (Lino), 100 — José Ferreira Mota, 100 — Alcostano, 200 — Matos, 40 — Jesus Gabriel, 100 — Aeris de Matos, 100 — Vilar, 100 — Correia, 200 — B. S., 200 — Um libertario, 210 — Francisco Cristo, 100 — Total, 2$600 réis.

## Aos nossos camaradas e amigos

Para a publicação do semanario anarquista *Terra Livre* é levantado, entre os que professam ou simpatizam com as doutrinas que ele propaga, um emprestimo de 250$000 réis divididos em 500 titulos de 500 réis cada um, reembolsaveis em livros e publicações diversas.

O portador de titulos de emprestimo ficará *ipso facto*, fazendo parte do grupo editor de *Terra Livre*.

A posse do titulo não só não mez e do pagamento de assinatura do jornal como não confere o direito de interferencia nos negocios administrativos ou em assuntos de redação, os quais estão sob a responsabilidade dos organisadores do grupo editor.

Os camaradas a cargo de quem estão a redação e administração do jornal obrigam-se a publicar um balancete mensal e a patentear os livros de escrita a todos os membros do grupo editor, todas as vezes que lhes aprover ezamina-los.

Diante do que fica esposto esperamos que os camaradas venham á nossa administração Rua das Gaveas, 55, 1.º, a subscrever as ações que aqui se acham á sua disposição. Aqueles que não poderem vir aos nossos escritorios queiram remeter por carta o nome e a morada, declarando o numero de ações que desejem, que, imediatamente, o nosso cobrador irá procura-los.

Do mesmo processo se podem servir os camaradas da provincia enviando-nos, juntamente com os pedidos, a importancia respétiva sem o que os não podemos satisfazer.

**AVISO** A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis